



Reprodução

Movimento de resistência ao golpe vai às ruas

## Golpe militar

# 1964: QUATRO DÉCADAS DEPOIS

O golpe militar de 1964 alterou os rumos da história brasileira com uma nova dinâmica. Depois de sucessivos movimentos de expulsão da classe política do governo e restituição do comando do Estado aos civis, como em 1930, 1945 e 1954, dessa vez os militares assumem o poder, dando início à ditadura, que foi caracterizada pela repressão política, luta armada, violação de direitos e censura. Depois de 40 anos do golpe, pesquisadores continuam a vasculhar arquivos em busca de dados sobre o período. Mas a continuidade de novos estudos estão ameaçadas por um decreto assinado em 2002 impedindo o acesso a documentos sigilosos.

Antes de deixar a presidência, Fernando Henrique Cardoso assinou o decreto 4.553 disciplinando o acesso a informações que colocassem em

risco a segurança da sociedade e do Estado. Este decreto revogou outro, de 1997, que permitia acesso irrestrito a tais fontes. “Essa proibição dificulta a pesquisa histórica sobre o regime militar e ainda não foi alterada pelo atual governo”, lamenta Carlos Fico, historiador da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Para Fico, o golpe de 1964 deixou uma série de consequências para a história brasileira e parte dela continua oculta em documentos aos quais os pesquisadores não têm mais acesso. Graças ao antigo decreto que garantia a consulta de tais documentos, o historiador publicou o livro *Como eles agiam – Os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política*. Nessa obra, são analisados os sistemas de informação do regime militar a partir de documentos da extinta Divisão de Segurança e Informações (DSI) do Ministério da Justiça, que foi incorporado ao acervo do Arquivo Nacional.

**MEMÓRIAS** Para Celso Castro, pesquisador da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, existem várias memórias sobre o golpe,

inclusive concorrentes. São construídas a partir de pesquisas com imprensa, arquivos oficiais e relatos de exilados políticos e de militares, enfocando, principalmente, o lado dos perseguidos pelo regime.

Do ponto de vista das forças armadas, Castro chama a atenção para a dificuldade de os militares justificarem sua participação na ditadura, que se estendeu de 1964 a 1985. Em vários depoimentos de militares o tom de ressentimento perpassa as falas. Apesar de terem ganhado o poder e a guerra contra a luta armada, os militares sentem-se derrotados pela própria história. Esse sentimento pode ser resumido por dois pontos-de-vista principais: a dificuldade de justificar a repressão e a perseguição de alguns grupos e não só a tortura, mas também atos de terrorismo, como o do Rio Centro, por exemplo; e o papel desempenhado pela imprensa e pela opinião pública ao condenarem, ao seu ver, injustamente, a ação repressiva das forças armadas. “Outro ressentimento é quando os militares afirmam que não deram o golpe sozinhos, pois foram estimulados por setores civis, como a Igreja, o empresariado e a classe média. O que é verdade, mas eles lamentam serem considerados os únicos culpados”, afirma Castro.

No site da Fundação Perseu Abramo ([www.fpabramo.org.br/](http://www.fpabramo.org.br/)), tem página especial com bibliografia, depoimentos, uma biblioteca virtual e fac-símile de documentos sobre o período do regime militar brasileiro.

Alexandre Zarias